

# Conservação de estuque decorativo : um ponto de vista irlandês

David McClean descreve o elaborado e, por vezes, fantasista uso desta decoração em paredes e tectos.

[http://www.ihbc.org.uk/context\\_archive/64/irish/plasterwork.html](http://www.ihbc.org.uk/context_archive/64/irish/plasterwork.html)

## A HISTÓRIA DO ESTUQUE DECORATIVO

Praticamente todos os trabalhos de estuque decorativo na Irlanda são datados depois de 1700, já que os trabalhos dos séculos XVI e XVII sobrevivem apenas nalgumas localizações isoladas. Dublin foi sempre reconhecida pela sua utilização de uma elaborada e, por vezes, exuberante, decoração em tectos e paredes. Pode ser identificada a evolução de diversos estilos, começando nos princípios de 1700. Os trabalhos de estuque iniciais



*20 Dominick Street – Típico pássaro Rococó conforme popularizado por Robert West, depois de limpo e da reparação do bico.*

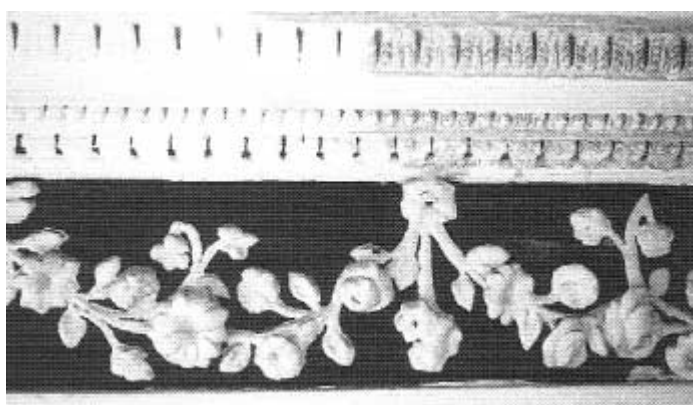
começaram como um tratamento arquitectónico formal das paredes e dos tectos, coincidindo com o Palladianismo e com uma crença na desnecessidade da ornamentação. A pormenorização estava geralmente restringida à utilização de elementos das ordens clássicas, em que os tectos eram divididos em pesados compartimentos, caixotões, círculos, ovais, quadrados e rectângulos. Isto foi ultrapassado nos anos 1730 pelo aparecimento de um estilo barroco tardio que viu a introdução de trabalhos plenamente figurativos em que os tectos eram embelezados com figuras estilizadas em larga escala modeladas in situ. Os grandes expoentes deste estilo foram os irmãos Lafranchini de Ticino e, mais tarde, nos anos 1750, Bartholomew Cramillon. Os desenhos para tectos eram frequentemente baseados em gravuras de motivos alegóricos e mitológicos do mundo clássico, embora tomando em consideração a forma, o tamanho e as proporções da sala. A decoração tinha um efeito vertical e tridimensional, com uma elevada ênfase ilusionística na extensão do espaço e da profundidade, pela qual o espectador era deliberadamente envolvido nesta ilusão artística como se ela fosse real, mas sem ser efectivamente enganado. Típico destes grandes trabalhos figurativos é a Carlton House pelos irmãos Lafranchini, onde os diversos elementos se relacionam entre si numa forma extremamente teatral.

Por volta de 1750, o trabalho figurativo começou a ser substituído por um estilo Rococó mais ligeiro e brincalhão. Este tornou-se particularmente vulgarizado na Irlanda, e Dublin pode ser encarada como o seu grande centro. Robert West, que era em simultâneo estucador e especulador imobiliário, foi um dos principais mestres deste estilo em Dublin. A decoração era dependurada através do tecto com uma certa ênfase na assimetria e no pitoresco ao empregar folhas de acanto, festões, trofeus e cestos de frutos e de flores, com um toque zoomórfico ocasional de pássaros e dragões, que se tornou extremamente popular nos anos 1760. A casa n.º 20 em Dominik Street construída por Robert West em 1755 contém alguns dos mais elaborados trabalhos Rococó nas Ilhas Britânicas, com alguns pássaros de estuque a balancearem-se nuns bons 50 cm a partir das paredes.



*20 Dominick Street - Tecto após reparação com Classidur*

Estes voos de fantasia chegaram rapidamente ao fim com o início do estilo neoclássico nos anos 1770, em que a inspiração vinha das descobertas arqueológicas em Pompeia e em Herculano, transmitido através dos trabalhos de Robert Adam, e de Charles Thrope e de Michael Stapleton na Irlanda. Era típico o uso de pormenores restritos em baixo relevo, todos delicadamente executados, tais como urnas, espigas de milho, grifos, esfinges, cabeças de carneiro e grinaldas de flores. Maioria desta decoração ainda tende para ser feita à mão livre, como pode ser visto na ilustração da vasa n.º 12 de Hume Street, em que só foram usados moldes para os elementos mais repetitivos.



*12 Hume Street – Friso – cornija neo clássica, de cerca de 1780, por Charles Thorpe, antes da remoção da pintura..*

O princípio do século XIX viu o aparecimento do Great Revival <sup>1</sup> com os seus pormenores mais grosseiros e pesados, geralmente confinados a pesadamente enriquecidas cornijas e a sóbrios trabalhos de centro. O luxuoso e sumptuoso interior de Ballyfin no Condado de Laois, pelos Morrison (cerca de 1820) é um excelente exemplo da decoração irlandesa Regência no seu melhor. O século XIX também viu o início dos estilos revivalistas gótico, Tudor, neobarroco e neoclássico. Conforme o século avançava, o trabalho de estuque tornou-se mais elaborado e eclético, por vezes combinando um ou mais estilos, mas com uma certa perda do refinamento conseguido no século anterior.

<sup>1</sup> N.T. – Grande Revivalismo

## A CONSERVAÇÃO NA IRLANDA

### Protecção inadequada

Mesmo sendo reconhecido que a Irlanda detém uma considerável riqueza em estuque decorativo, a sua maioria tem sido destruída em resultado de uma ineficiente protecção dos edifícios e, mais recentemente, em consequência de trabalhos de reparação inapropriados.

Desde o Planning Act <sup>2</sup> de 1962, que as autoridades locais estão aptas para classificarem os edifícios ( e desde 1976, os interiores); no entanto esta legislação tem-se mostrado desesperadamente inadequada já que tem havido muito pouco esforços e que não têm sido concedidas quaisquer ajudas aos proprietários. A protecção dos edifícios históricos não é uma função específica das autoridades locais e tende para ser deixada ao acaso. Um problema assinalável é que os interiores são classificados separadamente e não ficaram automaticamente garantidos quando um edifício foi inicialmente classificado. Isto permitiu que edifícios supostamente protegidos tivessem os seus interiores substancialmente remodelados ou esventrados. Em resultado desta anormalidade, foram destruídos muitos trabalhos em estuque decorativo. Outro problema é que os proprietários nunca foram obrigados a manterem os seus edifícios, conseqüentemente muitos destes foram perdidos através de negligência deliberada e, por vezes, através de uma intimação por risco de segurança, muitas vezes para grande alegria de alguns proprietários.

Um caso recente, é o edifício no n.º 16 de Parnell Square, datado de 1760 e classificado pela Dublin Corporation. A classificação abrangia apenas o seu exterior, apesar da existência de ricos tectos Rococó em, pelo menos, três compartimentos. Em 1997 foi demolido um anexo nas suas traseiras, na sequência de um fogo. Ao mesmo tempo, o proprietário, um conhecido investidor imobiliário de Dublin, decidiu retirar o telhado expondo o interior aos elementos, mas com um inquilino ainda a ocupar o andar térreo da casa. Foi emitida uma intimação para a sua reposição pela Dublin Corporation, que foi longamente ignorada. O último prego foi posto no caixão quando foi emitida uma intimação por risco de segurança, que resultou na demolição dos dois andares superiores tão rapidamente como o primeiro. Esta é uma situação típica e irónica em que uma autoridade local classifica um edifício para a sua protecção e, por fim, acaba por proporcionar um veículo para a sua destruição.

### Técnicas deficientes

Muitos trabalhos de estuque decorativo continuam a ser destruídos pela combinação da ignorância, falta de cultura e de competências técnicas. Mesmo quando uma pessoa está preparada para "restaurar" uma casa antiga, raramente são usados profissionais e artistas experientes e qualificados. Muito frequentemente há uma tendência para o tratamento banalizado dos edifícios sem respeito pelos seus méritos artísticos e históricos, idade e condição da sua estrutura. Alguns trabalhos em estuque, que necessitam apenas de trabalhos de conservação mínimos, são frequentemente retirados com total falta de respeito pelos seus méritos artísticos e substituídos por elementos moldados que estão frequentemente fora de contexto, sem se tentarem compreender as subtis diferenças de estilos.

Um dos maiores problemas na Irlanda é a generalizada ausência de publicidade, informação e mão de obra especializada. Actualmente não existe nenhuma repartição ou agência governamental

---

<sup>2</sup> N.T. - Lei de Planeamento

preocupada com o estabelecimento de uma escola de estuque decorativo, que possa superintender o treino e a educação de potenciais restauradores. Tal escola é vital e deveria lidar com os méritos estéticos e artísticos do trabalho em estuque, com a filosofia e a ética da conservação ao mesmo tempo que desenvolveria as competências técnicas e práticas. Actualmente compete a cada restaurador desenvolver as suas competências pessoais através de experiências individuais por tentativas e erros. Até há relativamente pouco tempo, os estucadores aprendizes eram treinados nos métodos tradicionais de correr as molduras in situ, da modelação de elementos, e dos tectos de fasquiado e estuque.

No entanto, o futuro começa a parecer mais luminoso com a recentemente aprovada legislação, que passou a produzir efeitos a partir de Janeiro de 2000. esta aparentemente progressista legislação tem como consequência uma listagem de funções para as autoridades locais, vai provocar a nomeação de fiscais locais de conservação, e impor um dever de conservação sobre os proprietários e os ocupantes das “estruturas protegidas”. Mais importante ainda, vai proporcionar pela primeira vez, um sistema de apoios a serem administrados pelas autoridades locais, mas esta mesma legislação precisa de ser coordenada com o encorajamento da divulgação do treino e da educação.

## Manutenção e Conservação

Para se começar a restaurar os trabalhos em estuque, seria útil e importante compreender-se as diferentes metodologias que foram usadas para se aplicarem os pormenores nas paredes e nos tectos.

As extensões simples e contínuas de moldados superficiais rectilíneos, tais como cornijas e moldes de painéis eram originalmente corridos in situ, usando-se uma molde com a forma do perfil desejado. Os pormenores de maiores dimensões eram executados pela utilização de uma mistura mais grosseira da cal, areia e crina e corridos contra armações em madeira feitas com cérceas e ripas.

Todos os trabalhos de estuque barrocos, rococós e a maioria dos neoclássicos executados durante o século XVIII e no início do século XIX foram exclusivamente modelados ou esculpidos in situ usando-se os dedos e pequenas ferramentas ao mesmo tempo que se seguia um esboço ou cartão com a decoração previamente estudada. Isto envolvia usualmente o uso de uma pasta de cal mais antiga e da melhor qualidade amassada com areia e, por vezes, com um pouco de gesso para evitar a retracção. Para a decoração com relevos realmente altos, tais como os pássaros rococó, era necessário construir-se o trabalho em redor de uma armadura em arame, madeira ou pregos.

A utilização de moldes para certos elementos tornou-se comum a partir de finais do século XVIII. Como estes moldes eram rígidos, só era possível produzirem-se modelações com pequena extensão e pouco relevo. Quando era necessário um relevo mais alto, tinha que se empregar um molde parcial em que os elementos decorativos eram moldados separadamente e reunidos depois. Foi só durante o século XIX que a utilização de moldes em gelatina mole permitiu que fossem moldados numa só peça trabalhos de relevo mais elaborado.

Muito do trabalho em estuque decorativo produzido actualmente é na produção em massa de pormenores moldados normalizados. Estes elementos, frequentemente com pobre concepção e fraca qualidade nunca são apropriados para serem usados num conjunto histórico. No entanto, bons trabalhos de estuque em condições de conservação normais continuam a ser destruídos e substituídos por modelações modernas, em toda a Irlanda.

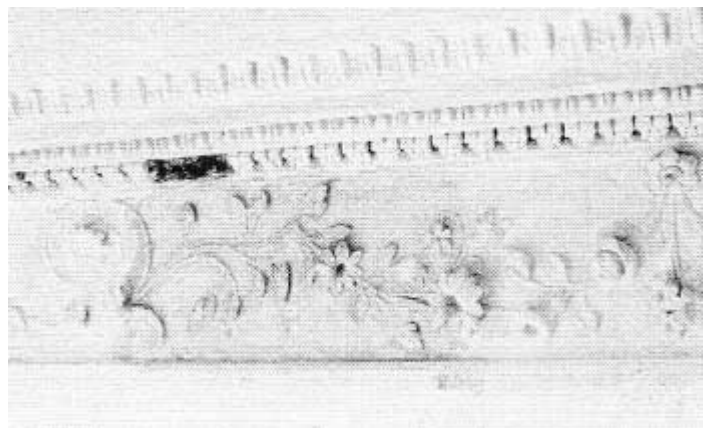
Restauro e conservação são duas palavras muito abusadas hoje em dia sem a realização daquilo que elas realmente significam ou implicam. Restaurar significa devolver um elemento ou pormenor à sua

forma e aparência originais – também pode significar a utilização de partes sobreviventes para se reproduzirem fidedignamente cópias exactas de pormenores em falta ou destruídos. Conservar é semelhante, mas com a filosofia da intervenção mínima necessária para se manter a fábrica original e para se promover a sua sobrevivência a longo prazo.

Podemos encontrar muitos problemas associados aos estuques decorativos dos diferentes períodos. O que recentemente afecta a sua condição e estado de preservação vai depender da sua idade, história, manutenção e das diversas utilizações que o edifício atravessou. Previamente, será necessário executar-se uma observação do tecto e da cornija para se avaliar e determinar a sua condição e para se encararem as metodologias adequadas.

### Remoção da tinta

A acumulação de excessivas camadas de tinta sobre o estuque, e a consequente obliteração dos pormenores é um problema muito espalhado. Os tipos de tintas usados podem variar desde a têmpera a óleo e outras, até às modernas emulsões e esmaltes. Muito frequentemente, pode ser encontrado um grande número de diferentes tipos de tintas sobre uma dada amostra de estuque. Se for pretendido revelar-se de novo o pormenor, será necessário encararem-se metodologias adequadas para a sua remoção. A remoção de tinta, só por si, pode ser inútil, se não conseguirmos detectar eventuais danos ou degradações que tenham sido previamente escondidos.



*12 Hume Street – Friso / cornija depois de aplicado um solvente à base de cloreto de metileno*

A remoção mecânica envolve que a tinta seja suavemente raspada por ferramentas pequenas ou por escovas. Isto fica facilitado se a tinta a remover for uma têmpera mole. Por vezes, se existir uma camada de tinta moderna mais resistente sobre a têmpera, pode ser necessário separá-la cuidadosamente com ferramentas pequenas antes de se atingir a mais fraca têmpera. Deve-se ter muito cuidado para se evitar qualquer desnecessário dano físico sobre o estuque. Como indicação geral, deve-se estimar a existência de uma camada de tinta por cada dez anos e uma maior acumulação de tinta onde o relevo se reúne ao estuque liso.

Se tintas como as de óleo ou emulsões se demonstrarem resistentes à remoção mecânica pode ser necessário recorrer-se a um decapante químico. Devem ser feitos pequenos testes em áreas de ensaio, em diversos pontos do tecto, para se determinar rigorosamente o número de camadas e a natureza da tinta, assim como para se avaliar a escala do trabalho. Nunca se deve assumir que aquilo que a tinta recobre é efectivamente um estuque, já que pode ser uma composição, "*carton pierre*" ou "*papier maché*".

Hoje em dia, existem muitas marcas de decapantes para tintas no mercado, a maioria das quais são de base alcalina ou cáustica. Como decapantes, são muito bem sucedidos mas eles são todos inadequados para serem usado sobre o estuque. O efeito físico desses produtos pode ser desastroso. Estes produtos são de natureza aquosa e contêm sais prejudiciais que o estuque poroso vai absorver em grandes quantidades. Os elevados níveis de água usados para lavar os resíduos, activam os sais

naturalmente existentes nos estuques, provocando roturas estruturais nesses estuques conforme ocorrem eflorescências. Este problema verifica-se a longo prazo e pode reaparecer a qualquer altura em que o estuque fique húmido. Outro efeito é que a superfície do estuque fica picada e granulosa. O uso de decapantes alcalinos ou cáusticos pode alterar a inteira natureza do estuque e o seu uso vai muito contra a ideia da intervenção mínima.

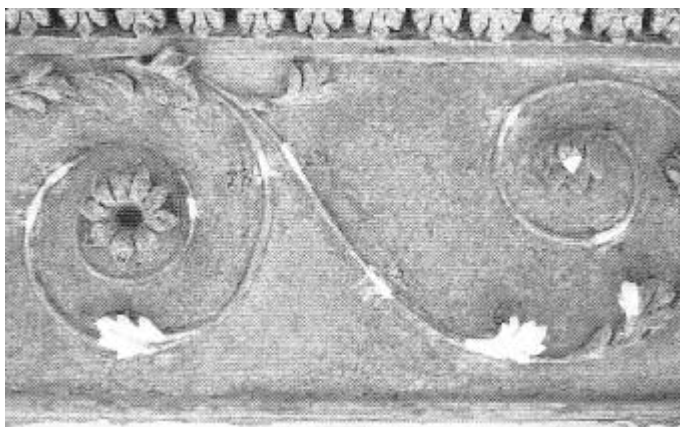
Uma metodologia mais apropriada e que foi usada com sucesso no n.º 20 de Dominik Street e no n.º 12 de Hume Street, em Dublin, foi a utilização de um decapante de tinta de cloreto de metileno à base de solventes, aditivado com um cera que permitia ao solvente aderir ao estuque. Ele é aplicado directamente sobre a superfície e após alguns minutos faz com que os ligantes da tinta moderna expandissem, levantando as sucessivas camadas de tinta. A tinta solta pode ser então removida com pequenas ferramentas e raspadores. O exercício é repetido até que toda a tinta tenha sido removida até ao estuque. Uma vez removida a tinta, a superfície deve ser lavada com "white spirit" para se removerem os resíduos sobrantes. Podem ser necessárias aplicações sucessivas se as camadas de tinta forem muito densas.

Durante a remoção da pintura, podem-se destacar pedaços de estuque, os quais devem ser numerados e a sua localização registada num desenho do tecto ou numa fotografia ou fotocópia ampliada.

### Trabalho de reparação

Uma vez que a remoção da tinta esteja completa, devem ser avaliadas a escala dos danos e os métodos apropriados para a sua reparação, que vão depender do tipo de estuque, da elaboração do desenho e de como a pormenorização foi construída – os seja, se as peças foram modeladas à mão ou moldadas.

Os moldes de face plana, tais como as cornijas, em que os danos forem ligeiros (tais como grandes fissuras ou parte em falta) podem ser facilmente reparadas. Usando-se uma mistura mole de cal em pasta amassada com gesso, a lacuna pode ser preenchida em concordância com o original, usando-se uma cércea articulada. No entanto, se faltarem grandes secções numa cornija, elas podem ser repostas correndo-as in situ. Alternativamente, pode ser usado um molde para correr uma cornija em gesso sobre uma bancada ou para se fazer um molde negativo a partir do qual pode ser moldada uma secção da cornija para ser, depois, argamassada no seu lugar definitivo. Sob um ponto de vista de segurança, especialmente em edifícios públicos, estas secções são adicionalmente fixadas no seu lugar usando-se parafusos de latão maciço ou de aço inoxidável.



12 Hume Street – Reparações à mão livre numa voluta

Se a decoração era originalmente feita com elementos previamente moldados, ela pode ser reproduzida tomando-se moldes de silicone por contacto a partir dos originais, in situ ou em bancada, e moldarem-se as quantidades necessárias de elementos antes de as assentar in situ. Deve-se ter muito cuidado com o tipo de argamassa usada na fixação destes novos trabalhos ao lado ou entre os originais. As argamassas ou colas modernas são bastante mais resistentes e é mais adequado usar-se uma mistura tradicional de cal em pasta e gesso, mais fraca.

Se a remoção da pintura não fizer parte da encomenda (quer por falta de tempo, quer de meios financeiros), pode se aconselhável retirar-se a tinta apenas das áreas que vão ser reparadas para que o novo trabalho possa acertar melhor com o original. Os tectos decorativos que foram executados e modelados à mão livre apresentam um desafio superior para o restaurador se tiverem que ser repostos elementos em falta. O restaurador vai ter que possuir boas bases sobre as metodologias envolvidas, mas também ter a habilidade consumada de um artista para estar apto a replicar o trabalho de outro artista. Se tais competências não existirem, o restauro deve ser feito por moldagem com gesso. Os trabalhos rococó que têm pormenores e recortes em grande escala devem ser moldados e assentes separadamente. Isto ajudará a capturar e a manter o livre fluxo e movimento da decoração.

Another common problem is where a plaster ceiling either plain or decorated has a tendency to sag or drop because of structural movement or decay in ceiling laths, detachment of the laths from the ceiling joists or detachment of the plaster key from the laths. It is possible to support or suspend the ceiling from battens fixed between the joists using stainless steel wire to prevent further movement.

The plaster key can be refixed using nylon wall plugs, which can support the plaster to the lath. Firstly the ceiling is drilled from above, through the lath on into the ceiling. From below a hole is made so as to accommodate the wall plug. Care is required not to remove all the surrounding plaster. The plug is then inserted up through to the laths and the hole in the ceiling plastered over. A layer of scrim and plaster can then be applied around the plug on the lath side to secure it in position.

The method of partially or completely flooding areas of ceilings between the joists with casting plaster (still commonly used as a means of refixing ceilings) should never be contemplated. Traditional lime mortar by its very nature will expand, contract and generally move with the building. As casting plaster is a hard rigid substance when set and dry, the ceiling is effectively trapped. Consequently, the only way it can release pressure is to crack, so defeating the whole object of the exercise. Large quantities of casting plaster will also increase the weight of the ceiling and may cause collapse and the large amounts of moisture Andrew Smith along with introduced can cause the lath to expand breaking the plaster key and potentially setting up a situation of further decay.

### Redecoration

When repainting a ceiling after paint removal and repair work it is preferable to use a traditional high porous paint, which will not clog up the detail. Oil bound distempers/paints should never be used Flat oils and traditional distempers are preferable. The ceiling at 20 Dominick Street was repainted using Classidur a solvent based highly porous minimum tension paint which can be used over any surface and only needs two thin coats so that detail does not become clogged and can also be removed with white spirits prior to redecoration.

When many of the great houses in Dublin became slum tenements during the 19th century and suffered much disruption, it is a marvel to find such a wealth of decorative plasterwork surviving today. It is therefore a shame to find that after surviving so many vicissitudes, these ceilings are now at risk from insensitive and inappropriate repair or at worst, replacement with 'faithful reproductions'.

*Andrew Smith, juntamente com o seu sócio Sean Harrington, estão presentemente envolvidos no restauro do estuque decorativo do City Hall, Dublin. Eles podem ser contactados em Ballinakill Lodge, Kinnegad, Co. Westmeath. Tel.. [0405,31 9040; Fax[04054]6633, Mobile 0878199032.*

Context 64 December 1999